
Licenciatura em Educação Física

Rafael Iri Martins Prado

Aikido: O movimento entre a luta e a arte



Rio Claro
2010

Rafael Iri Martins Prado

Aikido: O Movimento Entre a Luta e a Arte

Orientador: Romualdo Dias

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Educação Física.

Rio Claro
2010

796.8154 Prado, Rafael Iri Martins
P896a Aikido: o movimento entre a luta e a arte / Rafael Iri
Martins Prado. – Rio Claro : [s.n.]. 2010
53 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação
Física) – Universidade Estadual Paulista. Instituto de
Biociências de Rio Claro
Orientador: Romualdo Dias

1. Aikido. 2. Cultural Oriental. 3. História do Aikido. 4.
Morihei Ueshiba. I. Título.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
CAMPUS DE RIO CLARO - DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**合
氣
道**

Aikido: o movimento entre a luta e a arte

Aluno: Rafael Iri Martins Prado

Orientador: Prof. Dr. Romualdo Dias

**Rio Claro - S.P.
Outubro de 2010**

Agradecimentos

Agradeço a todas as pessoas que fizeram parte do meu dia-a-dia, interferindo diretamente e indiretamente na realização desse trabalho. Agradecimento especial ao Mestre, orientador do trabalho Romualdo Dias, que tanto respeitou meu tempo no período de realização da pesquisa, possibilitou que eu conduzisse o trabalho para a direção que achava mais relevante, sempre com a devida orientação nas leituras, reflexões e até no que diz respeito a minha ansiedade e euforia. Valeu Dotô!

Mestre, sensei, orientador e grande amigo, Daniel Bornstein foi outra figura fundamental para a realização do trabalho. Foi quem fomentou e deu corpo às principais reflexões embutidas na pesquisa, além de garantir o espaço em que se legitima toda a busca através da prática do Aikido. É o grande responsável por apresentar uma arte tão carregada de possibilidades, com uma riqueza e profundidade que eu ainda não havia encontrado em outras vivências.

Como não podia faltar, agradecimento especial à família. Agradeço a pai e mãe, duas figuras importantes a cada momento, a cada etapa do processo que nesse caso se deu início num pecaminoso ato sexual, 24 anos atrás. Também responsáveis por infinitas horas de conversas sobre os mais variados assuntos e são de fato quem possibilitaram tudo aquilo que construí ao longo desses anos. Aos irmãos, que apesar dos pesares (né Beibe?), são duas figuras que compõem o quadro familiar e também são parte importante da minha história. Tios, tias, primos, primas e avó completam a porção viva da árvore genealógica. Alguns mais presentes, outros menos presentes formam o patológico quadro consangüíneo, como toda boa família.

E agora às figuras que a gente escolhe pra fazer parte da nossa vida. Por ordem de chegada: Danilo, Luciana, Joana, Juliana, seus respectivos pais, Tuca, Nóia, Willas, Gabijão, Diego, Tin Tin, Jota, Edu, Raquel, Jula, Lila, Luiza, Rick, Thais, Thiago, Henrique, Gueme, Jesus, Pedrusky, Jony, Mira, Bru, Fe, Ester, Olivia, Marina e a todos os Hermanos de Pelé!! Aos que moraram comigo em Rio Claro e me agüentaram um bom tempo: Mãozinha, Henrique, Alemão, Tibúrcio, Dedão, Cansas, Daniel, Yuri e os portugueses sujos Murenito e Vasco. Os que não moraram comigo e são importantes ainda restam alguns vários, mas para

não correr o risco de esquecer alguém, não vou colocar os nomes, exceto por Karina, Ayra, Aline e Santos que foram por demais presentes na minha trajetória em Rio Claro.

Agradecimento especial às repúblicas de Rio Claro: Catota, Santa, Meta Zooa, Maria Cuervo, Pocas e Boas, Ratoeira, 51, Safari, Tudo Nosso, Caverna, dentre outras que não me ocorreram no momento. Fizeram dos momentos em Rio Claro experiências intensas e peculiares.

Dedicatória

Dedico meu trabalho aos acadêmicos, cientistas e filósofos que nobremente dedicam suas energias para pensar o mundo.

Epígrafe

“É preciso lembrar que, depois de perdida toda a utilidade nos combates e competições o **espírito** dessa arte se manifestou de maneira nítida e espontânea.”

(Arte Cavalheiresca do Arqueiro Zen)

Redescobrir

“Como se fora brincadeira de roda,
memória
Jogo do trabalho na dança das mãos,
macias
O suor dos corpos na canção da vida,
história
O suor da vida no calor de irmãos, magia

Como um animal que sabe da floresta,
perigosa
Redescobrir o sal que está na própria
pele, macia
Redescobrir o doce no lambar das
línguas, macias
Redescobrir o gosto e o sabor da festa,
magia

Pelo simples ato de um mergulho ao
desconhecido mundo que é o coração.
Alcançar aquele universo que sempre se
quis e
que se pôs tão longe na imaginação.

Vai o bicho homem fruto da semente,
memória
Renascer da própria força, própria luz e
fé, memória
Entender que tudo é nosso, sempre
estive em nós, história
Somos a semente, ato, mente e voz,
magia

Não tenha medo, meu menino povo,
memória
Tudo principia na própria pessoa, beleza
Vai como a criança que não teme o
tempo, mistério
Amor se fazer é tão prazer que é como se
fosse dor, magia.”

(Gonzaguinha)

Resumo

Aikido é uma arte marcial japonesa que, como todas as outras, tem alguns princípios que norteiam sua prática. Do ponto de vista da estrutura e desenvolvimento de suas técnicas, o Aikido carrega uma peculiaridade por não haver combate em seus treinamentos. É freqüentemente lembrado por essa característica. Na tentativa de descrever como se desenvolve a técnica de uma arte marcial em que não existe a competição entre os praticantes, o Aikido é treinado em katas. Katas são técnicas combinadas, em que o Uke (quem sofre a técnica) se deixa ser conduzido pelo Nague (quem aplica a técnica), para o treinamento da movimentação.

Esta pesquisa assume como objeto de estudo a dúvida que persiste sobre o sentido de uma arte marcial em que não é colocada a prova sua eficiência, considerando que as artes marciais são por princípio artes de guerra. Neste recorte cartografamos a fronteira entre a cultura ocidental e a cultura oriental. Identificamos as marcas dessa arte, pois sua finalidade supera a questão do guerrear e passa diretamente para o estudo das possibilidades do corpo, este compreendido de maneira holística

O *corpus* de nosso estudo se constitui dos recortes discursivos recolhidos nos registros das vivências de praticantes de Aikido. No campo tenso demarcado entre a cultura ocidental e a cultura oriental cartografamos o corpo em seus movimentos, no âmbito das possibilidades que o Aikido nos indica.

Palavras-chave: Aikido, Harmonia, Oriente, Ocidente.

SUMÁRIO

	Página
1. INTRODUÇÃO.....	9
2. CAPÍTULO 1 – Minha trajetória como praticante de Aikido.....	14
3. CAPÍTULO 2 – História do Aikido e Seu Fundador – Morihei Ueshiba....	17
4. CAPÍTULO 3 – Dialogando com a cultura oriental.....	21
5. CAPÍTULO 4 – Relatos Experienciais.....	32
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
7. REFERÊNCIAS.....	50

1. Introdução

O Aikido é uma arte marcial fundada no século XX por Morihei Ueshiba. Tem por característica e é freqüentemente lembrado por não haver combate entre os praticantes. Trata-se, portanto, de uma arte marcial com uma finalidade diferente de meramente tornar seus praticantes aptos e eficientes no combate corpo-a-corpo. Sua prática envolve o contato entre dois ou mais indivíduos e se assemelha com o treinamento da maioria das artes marciais nos gestos, que envolvem pegadas, socos, movimentos sobre as articulações (chaves), rolamentos etc. Sua diferenciação, porém, se dá no fato de que em nenhum momento isso será colocado a prova numa competição. Nesse caso, o treinamento configura-se numa busca para além das capacidades físicas e acúmulo de técnicas marciais.

Esse novo conceito de arte marcial não combativa implica em uma série de outras questões relacionadas à maneira com que se concebe ou se cultua a idéia de corpo. Se levamos em consideração as atribuições sobre o corpo: inúmeras limitações de gestos, comportamentos, valores estéticos etc., além de ser um dos maiores instrumentos de comparação entre os indivíduos, em que medida cabe a prática de uma atividade corporal onde a legitimação não se dá no outro, mas do reconhecimento da única referência possível que é o desenvolvimento individual? Portanto, o Aikido só é possível de ser compreendido e treinado de fato, quando há a superação de uma série de valores introjetados na cultura que refletem no corpo.

A prática, distanciada desse conceito, torna-se uma somatória de técnicas que, se muito bem treinadas, tornam o praticante extremamente eficiente e capaz de subjugar outros indivíduos possivelmente menos treinados que ele. Caso essa seja a única finalidade do praticante, aconselha-se a prática de outra arte marcial, levando em consideração um conhecimento básico de Teoria do Treinamento em que o melhor treino para quem tem por finalidade combater seja o próprio combate, mantendo assim, a especificidade.

O Aikido, através dos seus conceitos, tem a finalidade de transformar o praticante e extrapolar os limites do Dojo (local onde se realiza o treino), resignificando a vida cotidiana e a maneira com que se relaciona com o mundo. Sendo assim, praticar o Aikido assumindo seus princípios, significa reavaliar uma série de questões para além do momento de sua prática. A primeira e mais evidente é sua inserção numa sociedade estruturada na própria competição, onde os que gozam de uma vida reconhecidamente satisfatória e portanto almejada pelos outros, ocupam essa posição por terem passado a frente de muitos outros, ou seja, foram vencedores nas diversas competições ao longo de sua história.

Sendo assim, além das dificuldades impostas pelos limites dos corpos no processo de desenvolvimento da movimentação, aparece a dificuldade no desprendimento de valores introjetados da maneira mais severa nos corpos de cada um dos praticantes. É um paradoxo existencial daquele que é cobrado de vencer na vida e se envolve numa prática que se coloca como uma busca da desconstrução da idéia dualista da competição, do vencedor e do perdedor.

As expectativas deste estudo incluem, além de descrever essas possibilidades de resignificação, elaborar uma pesquisa na tentativa de compreender as diferenças na mentalidade das culturas tradicionais do oriente, que são o berço dessas atividades corporais e como a inserção dessas atividades na cultura ocidental entram em choque com a mentalidade vigente. É exatamente nesse choque que a discussão do projeto se enriquece e vislumbra em última instância reorientar os caminhos e objetivos daquilo que realizamos ou que buscamos na vida.

A visão dualista da competição se repete na mentalidade ocidental nas mais diversas situações. É um princípio de entendimento e permeia todas as relações tanto interpessoais e por que não a própria relação intrapessoal. É desse ponto, que a discussão atinge sua profundidade, na medida em que busca questionar essa mentalidade. A própria idéia dualista da separação entre mente e corpo, como coisas distintas, deve estar em pauta para o entendimento

da profundidade do conceito em torno do Aikido e o choque que ele representa na cultura ocidental.

Analisando a movimentação do Aikido, encontramos também um diferencial muito grande com relação a outras artes marciais. Sua prática é baseada na busca pela harmonia e o confronto passa a ser visto como uma interação. Essa interação consiste em aproveitar o estímulo oferecido em forma de ataque para o estudo das possibilidades de movimentação e direcionamento da energia depositada, conduzindo assim o suposto atacante a uma projeção seguida de rolamento ou uma imobilização.

Durante o treinamento, a não ser que seja uma determinação específica de quem propõe o treino, o atacante não deve oferecer resistência para a realização das técnicas. Sua função é fundamental, pois além de dar o primeiro estímulo energético para que se realize a movimentação, o Uke (quem ataca) tem a função de deixar o seu corpo leve de maneira que possa ser conduzido no desenrolar da técnica. Acontece, principalmente com principiantes, a antecipação da técnica por parte do Uke, dificultando a real interação entre os corpos dos praticantes.

Devido a essa característica da movimentação, o Aikido por diversas vezes é associado a movimentos de dança, que também buscam na relação entre o par de dançarinos uma harmonia na movimentação. A própria idéia de condução é muito semelhante na medida em que tem um condutor e alguém sendo conduzido, como é a relação Uke (quem se deixa conduzir) e Nage (quem conduz). Alguns praticantes de Aikido não se sentem a vontade com essa comparação, porque nela, descaracteriza-se a potencialidade marcial ou combativa da arte, o que definitivamente não é intenção do projeto discutir.

A interação com o outro é a grande busca que se tem através da técnica de Aikido. “Ai” pode ser traduzido por harmonia, o que se procura é estabelecer na relação Uke/Nage uma espécie de conexão. E essa conexão, vivenciada através das técnicas é de um efeito surpreendente. Elas aparecem de maneira repentina ao longo do processo e por isso que é muito comum os

treinos serem repetitivos, porque não importa a técnica que esteja treinando, a questão é conseguir através dela essa conexão. É por isso também que pode ser treinado com qualquer pessoa, afinal a medida da conexão está na capacidade de entrega do praticante e não no tamanho do desafio que é subjugar outro indivíduo aparentemente mais ou menos forte que ele.

Às vezes colocar o praticante pra treinar com outro aparentemente muito mais forte pode levá-lo a uma ansiedade que dificultaria muito atingir alguma conexão. De repente colocá-lo para treinar com uma criança pode desbloquear uma série de coisas que facilite. Mas a riqueza do treino de Aikido está exatamente na possibilidade de colocar esse mesmo indivíduo em contato com o sujeito muito maior que ele e depois com a criança, em seguida novamente com o sujeito grande e assim por diante. Isso permite ao praticante perceber em que condições de corpo ele se encontra em cada um dos momentos e o quanto isso interfere no andamento da sua técnica, sua postura, respiração, enfim, tudo aquilo que pode ser indicativo de uma técnica confortável.

O conforto é uma boa referência do praticante de Aikido. Uma vez foi perguntado a um famoso Shihan (praticante antigo de Aikido, do 6ºdan em diante), reconhecido por sua eficiência nas técnicas, como saber que uma técnica foi desenvolvida corretamente e a resposta foi mais ou menos essa: “se for confortável, está certa”.

Para o desenvolvimento da discussão, o trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo relata minha trajetória enquanto praticante da arte; o segundo apresenta a história do fundador da arte, Morihei Ueshiba, juntamente com a origem do Aikido; o terceiro capítulo estuda, dentre outras coisas, a diferença de mentalidade das sociedades tradicionais chinesa e japonesa, e a mentalidade das sociedades ocidentais. Discute o caminho percorrido pelo conhecimento em cada uma dessas sociedades, sendo as primeiras marcadas pela “sabedoria” e a segunda pela filosofia e ciência. O quarto e último capítulo apresenta dois relatos de personagens praticantes de

Aikido, seguidos de uma análise do discurso que elenca e discute os aspectos que ilustram as questões pertinentes ao trabalho.

2. Capítulo 1 - Minha trajetória como praticante de Aikido

Iniciei minha prática de Aikido aos 14 anos de idade, no meio de 2001, com o sensei Sérgio Gerletti, 2º Dan pela União Sul Americana de Aikido e aluno direto de Reishin Kawai, recentemente falecido e uma das personagens mais importantes na trajetória do Aikido no Brasil.

Com Sérgio sensei, recebi duas graduações (faixa amarela e em seguida faixa roxa) com exames na Academia Central, evento que contava com a participação de centenas de iniciantes que eram examinados por bancas avaliadoras compostas por praticantes graduados para além da faixa preta. Era um grande evento para mim. Primeiro por se tratar de um momento desafiador, onde minha técnica era colocada a prova, o que considerava importante na época. Segundo porque antes dos exames era realizado um treino coletivo, com a participação de centenas de praticantes. Procurava os mais graduados pra ter a oportunidade de sentir a técnica mais apurada e os estilos de cada um, além de receber uma série de conselhos que nem sempre eram enfatizados no treino de rotina.

O treino com Sérgio, nos quase dois anos que estive com ele, fui o único aluno na maior parte do tempo. Pessoas apareciam e desistiam logo em seguida. Mais pro final desses dois anos, consegui convencer meu irmão e um amigo a participarem dos treinos, o que durou pouco tempo, pois o sensei logo abandonou o grupo por outras prioridades em sua vida. Isso ocorreu no meio de 2003.

Os treinos eram extremamente leves, tinham duração de uma hora, mas rendiam bastante por estarmos em dois. Em geral metade era dedicada a alongamento e exercícios de respiração e a outra metade para as técnicas, que sempre privilegiavam um movimento fluido e pouco vigoroso. Ao final do treino era comum uma conversa que extrapolava o horário determinado e alguns exercícios meditativos, o que na época era uma novidade muito grande para mim, que sempre fui extremamente ansioso e hiperativo.

Fiquei afastado da prática de Aikido por três anos e voltei a praticá-lo em julho de 2006 com o sensei Daniel Bornstein no grupo Aikido Terapia. Daniel sensei é hoje 5º Dan de Aikido. Foi aluno de Reishin Kawai e Massanao Ueno, dois importantes instrutores na história do Aikido no Brasil. Desde então, nunca mais perdi o contato com o Aikido. Mesmo morando em Rio Claro a partir de 2007, mantive praticando diariamente nas férias e em alguns finais de semana. Conquistei outras três graduações (faixas verde, azul e marrom respectivamente) em exames realizados na própria academia do sensei.

O treino com sensei Daniel é um treino extremamente rico e oscilante. Trata-se de um treino ora extremamente leve e sensível, ora extremamente vigoroso, explorando o contato dos praticantes nas mais variadas formas. Os treinos meditativos e as conversas, hoje muito mais significativos e compreensíveis do que anteriormente, também são partes importantes do dia-a-dia no Dojo. Os treinos são realizados todos os dias por 1h e meia no horário pré-determinado, mas é freqüente o treino se estender para além do tempo, com conversas e técnicas.

O processo de aprendizagem do Aikido é repleto de fases que se superam e sobrepõem umas as outras. Porém é freqüente a necessidade de voltar atrás em alguma coisa que não foi definitivamente acomodada. O kamae (posição de guarda), que a princípio trata-se de uma posição muito desconfortável e estranha ao corpo, com a prática vai se tornando natural e confortável. Os Ukemis (quedas, rolamentos) também são uma dificuldade importante para a maioria dos praticantes e ao longo do tempo vão se tornando naturais e cada vez menos impactantes no contato com o solo. O Tai Sabaki, que é toda movimentação do corpo durante as técnicas no Aikido, é um componente que requer uma adaptação inicial para o mínimo de fluidez nas técnicas e trata-se de outra dificuldade, pois são movimentos bastante característicos, que partem da posição de Kamae e não fazem parte do repertório motor da maioria das pessoas.

Assimiladas essas posturas e movimentações corporais o treino volta-se para o aprendizado das principais técnicas, começando pelas mais básicas e se encaminhando para as técnicas mais complexas ao longo do tempo.

Enfim, chega o momento em que as técnicas, as posturas e as movimentações não são mais uma dificuldade para o praticante. Esse período não é atingido na maestria, muito pelo contrário. Há quem diga que é daí que se inicia o treino de Aikido. Onde a atenção do praticante deixa de ser para o desenrolar das técnicas e passa a identificar suas nuances. Os detalhes da relação Uke/Nague (quem sofre e quem aplica a técnica respectivamente), a atenção na respiração durante a movimentação e outras nuances da categoria do sensível que não são passíveis de descrições imediatas, simplificadas e objetivas.

Descrevo de maneira linear e progressiva, mas o desenvolvimento desses componentes se dá de maneira conjunta. Num treino de Aikido, normalmente o mesmo treino é realizado por todos os praticantes. Cada um no nível em que está volta sua atenção para o componente da técnica que lhe convém. Em geral as instruções são para que o praticante volte sua atenção para algum detalhe que não era percebido. Por exemplo, numa técnica em que há projeção e se faz necessário rolar, para os praticantes iniciantes que não têm facilidade no rolamento, a técnica é realizada devagar criando as melhores condições para que o rolamento seja realizado da maneira que for possível para o praticante. Outros praticantes mais evoluídos executam a técnica da maneira que foi realizada pelo sensei, mas na intensidade que desejarem, caso não haja especificação do sensei.

3. Capítulo 2 - História do Aikido e de seu Fundador – Morihei Ueshiba

Morihei Ueshiba nasceu em 14 de dezembro de 1883, no distrito de Motomachi da cidade de Tanabe, prefeitura de Wakayama, Japão. Foi uma criança delicada e teve sua trajetória marcada por enfermidades. Iniciou os estudos básicos dos clássicos chineses numa escola particular da seita budista Shingon. Desde pequeno se mostrava interessado pelas meditações, canções e orações vivenciadas no contato com a seita. Iniciou em seguida as práticas de Natação e Sumô, incentivado pelo pai no intuito de fortalecer o corpo.

Completo o estudo primário e secundário em Tanabe, e na primavera de 1901 mudou-se para Tóquio onde montou uma loja de artigos de escritório. O interesse pelas artes marciais se intensificou nesse período e estudou tanto a Escola Kito de Koryu Jujutsu (luta sem armas) quanto a Escola Shinkage de Kenjutsu (técnicas com a espada).

Novamente ficou doente e voltou para Tanabe, a fim de apressar a convalescência. Já recuperado Ueshiba casou-se com Hatsu Itokawa, a quem conhecia desde a infância. Teve participação ativa em reformas sociais e se envolveu diretamente com o “Incidente de Iso”, onde batalhou pela revogação da lei que favorecia grandes frotas pesqueiras, impondo maiores dificuldades aos modestos pescadores.

Aos vinte anos, alistou-se no exército e serviu no 37º regimento da 4ª Divisão de Osaka. Sua extraordinária habilidade chamou a atenção dos superiores e era considerado o melhor baionetista do regimento. Batalhou na Guerra Russo-Japonesa onde teve uma participação lendária. Na tropa era conhecido por “soldado Kami” (Divindade/Com poderes sobre-humanos). Após quatro anos no exército, teve que abandonar a carreira militar em função de problemas domésticos. Levava consigo o certificado da Escola Yagyū, de Arte com a Espada.

Em 1912, o governo japonês lançou um projeto que incentivava a população a ocupar a ilha de Hokkaido. Era fundamental para o

desenvolvimento do país, além da função estratégica da ocupação, pois as terras eram de interesse russo. Aos vinte e nove anos, Morihei junto com cinquenta e quatro famílias da região rumaram para a aldeia de Shirataki, no condado de Monbetsu, Hokkaido. Tiveram muita dificuldade em se adaptar às novas terras, em função de pesadas nevascas que inviabilizavam alguns projetos. Após dois anos de trabalho, os habitantes conseguiram se estabelecer e já pensavam em viver permanentemente na região. Em 1915 conheceu Sogaku Takeda, professor da Escola Daito de Jujutsu. Ueshiba ficou muito impressionado com sua técnica e continuou sua busca nas artes marciais estudando Daito Ryu.

Aos trinta e seis anos, Morihei recebeu notícias que o pai passava muito mal e saiu de Hokkaido, deixando tudo o que possuía ao Mestre Takeda, em agradecimento ao que havia aprendido. No caminho de volta para Tanabe, ouviu histórias sobre um homem chamado Onisaburo Deguchi, da nova seita Xintô conhecida como Omoto-Kyo. Deguchi era professor da técnica espiritual chamado Chin Kon Kishin, um método de comunicação com o Divino Espírito de Kami por intermédio da meditação concentrada. Na esperança de um milagre, foi para Ayabe, perto de Kyoto, a fim de pedir orações para melhorar a saúde crítica do pai. Voltou para Tanabe, mas ele já havia falecido.

Após a morte do pai, mudou para Ayabe com a família na busca de seguir a vida religiosa da Omoto-Kyo, sob orientação de Onisaburo Deguchi, devido sua abordagem diferenciada dos ensinamentos espirituais tradicionais. Cultivou a terra próxima ao prédio da Omoto-Kyo e levou a vida auto-suficiente, estabelecendo a unidade entre o cultivo da terra e as práticas marciais e espirituais.

Incentivado por Deguchi, abriu a “Escola Ueshiba” de artes marciais e ensinava principalmente aqueles vinculados à religião. Em 1923, deu o nome de Aiki Bujutsu à sua arte. “Aiki Bujutsu é a harmonia do espírito baseada no movimento marcial clássico. *Jutsu* significa técnica, em contraposição a *do*, que significa método ou caminho.” (SAOTOME, p.27)

Morihei acompanhou Deguchi numa empreitada na Mandchúria em busca de um novo centro espiritual. Retornou ao Japão em 1925, onde buscou desenvolver-se na arte da lança. Nesse período aliou um treinamento intensivo na arte da lança com toda uma prática espiritual e meditativa, aprofundando ainda mais sua visão sobre o caminho das artes marciais.

Sua fama se espalhou dentre os círculos Budô (caminho das artes marciais) do Japão e Ueshiba viajou ensinando sua arte em todo o Japão, que já se denominava Aikido. Com a ajuda de colaboradores, em 1930 as instalações até então improvisadas de treinamento, foram ampliadas. A esse espaço foi dado o nome de Kobukan Dojô (Dojô é o espaço físico onde ocorre o treino; kobukan é a busca pela transcendência da consciência). Jigoro Kano, fundador do Judô, visitou o Dojô de Morihei Ueshiba e ao observá-lo disse: “Este é o meu ideal de Budô”.

O Dojô admitia apenas alunos que tivessem a recomendação de ao menos dois “patrocinadores” confiáveis. Os treinos eram bastante vigorosos, de tal maneira que ficou conhecido como “Dojo do Inferno”. Ueshiba instruiu a força policial e alguns membros da Corte Imperial. A partir de 1932 o Aikido vinha se disseminando e foram abertos outros Dojô em Tóquio, Osaka e Kyoto.

Em 1942, quando a Segunda Guerra Mundial intensificou-se, Morihei mudou-se com a esposa para a cidade de Iwama, na prefeitura de Ibaraki, e passou a cultivar a terra novamente. Montou um Dojô a céu aberto e um Santuário Aiki que servia de retiro espiritual. Estava absolutamente descontente com o rumo que havia tomado as relações internacionais, que se opunham a seu ideal de harmonia pregado através de sua arte.

Nas palavras de Ueshiba (citado por Saotome, 1993):

O caminho do Budô consiste em instalar uma nova vida na força vital original do universo, a qual dá nascimento a todas as coisas. Harmonia, amor e cortesia são essenciais para o verdadeiro Budô, mas as pessoas que hoje estão no poder só estão interessadas em brincar com armas. Elas interpretam erroneamente o Budô como um instrumento da disputa de poder, da violência e da destruição – e querem me usar para esse objetivo. Estou farto dessa estupidez. Não tenho a mínima

intenção de ser um instrumento deles. Não vejo outra opção a não ser retirar-me. (p.29)

O Fundador manteve-se em seu caminho durante e após a guerra. Rezava freqüentemente pela paz mundial e continuou buscando a mais profunda acepção da palavra Budô. Levava uma vida privada de recursos e além dos treinamentos trabalhava no cultivo da terra. Em 1948 as Forças de Ocupação Americanas proibiram todo ensinamento de Budô, porém foi permitido ao Aikido, por suas características não combativas, manter sua atividade. O Dojô, até então chamado de Kobukan passou a se chamar Federação Aikikai e passou a ser dirigida pelo filho de Morihei, Kisshomaru Ueshiba. O Fundador manteve-se em Iwama e por vezes comparecia em Tóquio a pedido de seus discípulos.

Mesmo o Japão vivendo um processo de aceleração de desenvolvimento econômico, muitos dos discípulos do Fundador se dedicaram a disseminar o Aikido para todo o Japão e posteriormente para o mundo, em alguns casos abandonando carreiras promissoras. Pessoas influentes e com recursos também prestaram ajudas importantes para que ocorresse essa expansão. Porém o fato é que, assim como outras artes marciais de sucesso, o Aikido de alguma maneira chamou a atenção de milhares de pessoas que passaram a praticá-lo com seriedade e afinco, tornando aquilo que hoje o é.

Morihei Ueshiba faleceu em 26 de abril de 1969, no mesmo dia em que foi homenageado pelo governo japonês com a Ordem do Sagrado Tesouro pelo desenvolvimento do Aikido, a mais importante condecoração recebida por ele.

4. Capítulo 3 - Dialogando com a cultura oriental

François Jullien em seu livro “Um sábio não tem idéia”, estabelece um diálogo entre o pensamento filosófico, de construção de idéias e a sabedoria da maneira como é compreendida no pensamento chinês. Afirma, dentre tantas outras coisas, que a construção de idéias, caminho tomado pela filosofia de origem grega, é na verdade o fator limitante do pensamento e da construção do conhecimento no ocidente.

Considera que todo o pensamento parte de uma idéia primária e dela descende uma série de desdobramentos: outras idéias que se complementam, mantendo assim, uma linearidade lógica. Em seguida, aparece outro pensador, questionador da idéia primária que desconstrói toda uma fundamentação a partir de uma nova idéia primária e constrói um novo caminho reflexivo, que também é aprofundado e desdobrado em outras idéias, até que um terceiro sujeito aparece desconstruindo a idéia primária do segundo, mantendo o círculo vicioso de construção de idéias. Demonstra a incapacidade do pensamento filosófico de abarcar de fato as questões fundamentais da existência humana.

Como ilustra Jullien (2000):

[...] a filosofia viria dessa parcialidade inicial que consiste em avançar uma idéia, idéia que não cessaria em seguida de ser retomada, deformada, transformada, não podendo a filosofia, portanto, fazer nada mais que corrigir um ponto de vista particular por outro ponto de vista particular – vindo cada novo filósofo, como se sabe, dizer não ao precedente. Resumindo, ela não poderá fazer nada além de repreguear de outro modo o pensamento. (p.18)

A filosofia, na medida em que determina um ponto de vista inicial para desenvolver o pensamento, arbitrariamente excluí todos os outros pontos de vista possíveis. “os filósofos são tanto mais geniais – vão tanto mais fundo – quanto maior, de certo ponto de vista, sua cegueira inicial: Platão, Kant são grandes à altura do que começaram por “deixar de mão”.” (JULLIEN, 2000, p.17)

A sabedoria, por outro lado, não parte de idéia alguma. Ela é fundamentalmente circunstancial e se apresenta como possibilidade. É plana e

não aprofundada, não parte de ponto algum e não visa um objetivo específico. O sábio, por sua vez, perpassa todas as possibilidades de posicionamento frente às situações. Não é limitado a uma concepção de homem ou a uma conduta específica: se move em função daquilo que lhe parece mais conveniente, mais harmonioso. Jullien (2000):

Enquanto os outros encarnam diferentes aspectos da sabedoria, um a “pureza”, outro o “senso de responsabilidade”, outro ainda o caráter “conciliador”, “da sabedoria”, dir-se-á simplesmente, Confúcio “é o momento”... “Confúcio” não manifesta este ou aquele aspecto particular da sabedoria, mas a sabedoria tal como ela *pode* se realizar a cada instante, e conforme seus aspectos mais diversos, variando de um pólo ao outro – da complacência a intransigência -, logo cobrindo a inteira gama deles. (p.28)

Nesse caso, não há uma idéia inicial como ponto de partida, aliás, não há ponto de partida. O princípio da regulação, como coloca François, é marcado pela variação, dentro daquilo que é possível. O sábio se coloca aberto frente qualquer situação e dele não se espera um padrão de comportamento ou atitude, porque o fator determinante é o da imanência de uma situação, aquilo que é, como destaca François, “realizável”, ou seja, harmoniosamente possível.

É corriqueiro o uso de alusões mitificadas da figura do sábio no oriente. Seja ele, mestre de alguma arte marcial, mestre em uma atividade zen-budista, dentre outros. Mas a sabedoria, embutida nos conceitos em torno das práticas corporais milenares fundadas no oriente, por lidar com as circunstâncias diretamente, não se vê carregada de uma dimensão oculta, como a filosofia. A filosofia busca transcendência a partir do conhecimento, implica na busca de uma verdade epistemológica que se é alcançável, de alguma forma está oculta a nossos olhos. Jullien (2000):

Porque a filosofia “fixou-se” na verdade: por apego oficial a ela, de que fez seu valor declarado, mas também porque se deteve nela, uma vez reconhecida sua exigência, e não descolou mais. Foi nela que não cessou, desde então, de tomar posição e acampar: nessa “planície da verdade”, em que jazem imóveis os princípios e as formas, ela não parou de encontrar seu “pasto” (Fedro, 248 b); nessa “planície da verdade”, ela não se cansou de construir (o edifício que sobranceia a teoria, de onde a verdade se deixaria “contemplar”); assim como de cavar: segundo o

percurso subterrâneo da reflexão, tendo em vista descobrir as jazidas secretas. Sempre mais alto, para melhor descobri-la – ou mais profundo, para melhor explorá-la. No entanto sem mais abandonar esse objetivo e abrir outro caminho para o pensamento. (p.101)

A sabedoria, por outro lado, não implica na busca de uma verdade, ela é fundamentalmente “itinerante e variável”. Ela se move de acordo com aquilo que é possível e sua busca implica em estar atento a tudo aquilo que uma situação pode oferecer. O oculto, da sabedoria, é aquilo que de tanto se evidenciar já não é mais percebido. Porque o caminho, compreendido pelo sábio, em hipótese alguma se distancia do homem:

[...] se o que o homem toma pelo caminho se afasta do homem, não se pode considerar que é o caminho. [...] O oculto é oculto porque é ao mesmo tempo demasiado desdobrado e demasiado próximo (demasiado cotidianamente consumido) para que se possa tomar consciência dele: ele não se deve à inacessibilidade do abscenso, do abstruso, mas à exposição – sem fim – da evidência. (JULLIEN, 2000, p.62)

Um exemplo palpável, do meu entendimento sobre essa questão é a nossa incapacidade de perceber as transformações daquilo que nos cercam, como uma criança que cresce ao nosso lado e não percebemos o crescimento. Quando nos damos conta, ela se tornou um adulto.

O Aikido, de certo ponto de vista, pode ser compreendido como um caminho, dentre tantos outros possíveis, que visa alcançar a sabedoria. Parte de um princípio de harmonia que carrega consigo exatamente essa conotação, da sabedoria do corpo em se mover da maneira que lhe é mais conveniente. Para tanto, o Aikido pode ser o mais vigoroso das artes marciais e o mais brando, sem perder de vista suas características ou seu conceito. Da mesma maneira, o sábio por não possuir pressuposto de conduta, “...pode ficar tão intransigente quanto os mais intransigentes, e recusar todo e qualquer compromisso, assim como se comprometer o mais completamente com o mundo se tem esperança de poder emendá-lo.” (JULLIEN, 2000, p.26), sem perder de vista a harmonia com as diversas situações. Portanto, não há um Aikido ou uma maneira certa de

se treinar Aikido, há na realidade um conceito sobre o qual as possibilidades de treinamento, prática, vivências ou experimentações são infinitas.

Não é por menos, que ao falar sobre Aikido, Ueshiba buscava referências pouco palpáveis do ponto de vista científico ou do pensamento lógico. Dizia ser o Aikido a busca pela verdade do universo, a prática do amor, caminho de conexão com o divino e assim por diante, como descrito no livro *Aikido e a Harmonia da Natureza* de Mitsugi Saotome (1993), uma palestra do Fundador sobre o Aikido:

O Aikido nada mais é que a manifestação das obras do amor. O amor dá forma ao universo e purifica todas as coisas. O universo lança as sementes das quais todas as coisas nascem; contém o poder infinito que as alimenta e permite que elas prosperem. Dei o nome Aiki às múltiplas leis do universo, oriundas do amor, que governam o destino da complicada tapeçaria da vida, à medida que ela vai sendo tecida neste mundo. Cumpri a missão da compaixão universal na terra, proteger e cultivar todas as coisas da natureza, eis a tarefa do Aikido.

Qual é a fonte da materialização da vida no universo? A expressão do Espírito Infinito e do amor. O Aikido é uma expressão pura dessa fonte. Ele é o caminho original para a abençoada harmonia da humanidade com o universo. Somente se seguirmos o princípio Aiki da unidade com o Kami (Deus) e devolvermos a humanidade ao equilíbrio com todas as coisas, só assim seremos parte do infinito crescimento rumo à perfeição. Promover o fim da malícia e do sofrimento é a missão que nos foi confiada pelo universo.

As formais reais do universo revelam-se no corpo humano. Temos de começar a ver o universo dentro de nós e acordar para os princípios do equilíbrio e do amor, princípios sagrados que recebemos do universo. O universo se desdobra num mosaico sem fim de variadas formas - cada qual um aspecto diferente de sua plenitude, cada qual em equilíbrio com as demais. Assim como o universo exprime amor de diferentes maneiras, nós precisamos exprimir por meio da nossa própria vida o equilíbrio dinâmico e a harmonia do universo em todas as nossas relações. Graças a esse processo, o próprio universo penetrará no corpo e no espírito humano, dando-lhes alimento e poder verdadeiro.

Todas as coisas do universo provêm de uma única fonte, de uma única energia criadora. Tudo no mundo é expressão desse amor universal. O coração do universo pulsa em harmonia com toda a criação e curva-se em reverência diante de todas as suas glórias. Cada um deve se esforçar para compreender esse ritmo e sentir o coração do universo, que dá nascimento à harmonia do equilíbrio perfeito. A missão do Aikido segue o caminho absoluto

do amor universal. Seus ensinamentos são os ensinamentos de Kami. Seus princípios são as leis da harmonia e do equilíbrio em todos os elementos, na criação da vida na terra. Seu objetivo é juntar-se ao coração do universo e disseminar o amor. (p.52)

A leitura desse trecho afirma a falta de compromisso científico ao se referir ao Aikido ou mesmo às leis universais, que no nosso conhecimento costumam ser descritas pelas leis da física, da relação entre os átomos e seus desdobramentos. De fato não são de grande serventia se voltarmos o habitual olhar treinado que possuímos na leitura de qualquer documento que se pretende descrever leis universais. Mas por outro lado, é de grande serventia quando buscamos nessa leitura entender que o caminho percorrido pela sabedoria se sustenta em qualquer outra coisa que não a construção de idéias que partem de um princípio e seguem um aprofundamento legitimado no pensamento lógico.

As palavras mais utilizadas pelo fundador da arte marcial em questão ao se referir a ela são harmonia e equilíbrio com as “leis universais”, amor e Deus. Fica evidente que não se trata de algo a ser compreendido, ou melhor, classificado pelo pensamento ocidental, estruturado e compromissado com métodos científicos de comprovação ou o próprio pensamento filosófico que é sustentado na lógica dedutiva ou indutiva por meio da reflexão.

Trata-se portanto da proposição de uma vivência, uma experimentação das possibilidades do corpo, que em circunstância alguma vai se legitimar numa compreensão lógico-racional da prática. É algo a ser incorporado de maneira visceral e disseminado por uma busca existencial para além das capacidades cognitivas. Sua legitimação se dá no sensível, nas transformações da relação do indivíduo consigo mesmo e seus desdobramentos na relação com o mundo.

Do ponto de vista da concepção de prática que visa formar um indivíduo equilibrado, pautada numa visão holística de corpo, o Aikido se insere, junto com uma série de outras práticas corporais de origem oriental, na classificação de práticas corporais alternativas (PCA). Esse novo conceito de prática tem origem na segunda metade do século XX e aparece juntamente com

o movimento de contra-cultura, no intuito de questionar, no universo da Educação Física, os esportes e a ginástica, até então vistos como o grande alicerce do conteúdo na área.

Percebe-se desde então, a tentativa do universo acadêmico em enquadrar essas práticas na linguagem que lhe é comum. Aquilo que foi dito pelos acadêmicos, perpassa uma série de conceitos e termos compreendidos da maneira habitual com a nossa pretensa razão que se vê capaz de englobar a existência humana através das idéias. Idéias estas, disseminadas por grandes nomes do legítimo pensamento ocidental, mas que são incapazes de entrar em conexão de fato com a proposição de cada uma dessas práticas milenares. Pois, cada uma dessas “PCAs” foi concebida num contexto e por uma população que não olhava para o mundo da maneira que olhamos e não se preocupava em classificar estruturalmente ou logicamente cada uma das minúcias observadas em cada desdobramento daquilo que entendemos por realidade: enquanto o nosso conhecimento seguia esse caminho, os sábios se preocupavam em se relacionar da melhor maneira possível com a realidade, diretamente e não intermediado por conceitos e idéias. E desse posicionamento que nasceram cada uma das práticas em questão.

Se pensarmos do ponto de vista da sabedoria, da maneira como é descrita por François Jullien, o sentido de cada uma dessas práticas, englobadas no conceito de Práticas Corporais Alternativas, toma um referencial extremamente diferente e do meu ponto de vista, muito mais legítimo na medida em que posiciona o olhar sobre as práticas a partir daqueles que a conceberam. Afinal, se não entendemos a mentalidade daquele que cria, como podemos entender e falar de maneira legítima sobre a criação?

No intuito de clarear as questões que giram em torno da diferença de mentalidade do oriente e do ocidente, fazendo o caminho inverso de François Jullien, que nascido na França mergulhou no pensamento chinês, aparece o autor Hisayasu Nakagawa, que nascido no Japão estudou profundamente os pensadores franceses, principalmente Rousseau e Diderot. Nakagawa em seu

livro “Introdução à Cultura Japonesa. Ensaio de Antropologia Recíproca” apresenta o olhar do oriental sobre essa diferença na mentalidade. Apesar da origem japonesa, a proximidade com a cultura chinesa torna possível uma associação direta no que diz respeito à mentalidade. Tanto uma quanto a outra são berços dessas atividades ditas “alternativas” e se desenvolvem a partir de princípios comuns. O próprio Aikido, de origem japonesa, dialoga diretamente com o trabalho de Jullien sobre o conhecimento chinês.

De maneira simples, objetiva e exemplificada o autor elenca uma série de situações que descrevem a dificuldade de compreensão que há entre as culturas por se tratarem de pontos de partida extremamente diferentes. Assim como François descreve a dimensão circunstancial da sabedoria em contraposição a dimensão histórica da filosofia, Hisayasu Nakagawa apresenta o conceito “lococentrismo”, que enfatiza a dimensão circunstancial do próprio sujeito existencial, do “*eu*”. Afirma que para a sociedade japonesa o “*eu*” só existe na relação com o outro ou com o meio. Como exemplo, Nakagawa (2008) descreve a seguinte situação:

Suponha que uma criança esteja assustada diante de um cão enorme. Para tranquilizá-la digo em francês: “Não tenha medo, não chore, *eu* estou aqui com você”. Mas, em japonês, vou dizer, em tradução literal: “Não tenha medo, não chore, *seu paizinho* está com você.” (p.25)

Fica bem ilustrada a inexistência do “*eu*” enquanto uma entidade individualizada, dissociada daquilo que o cerca, na maneira de pensar do japonês. O exemplo é demasiado simples, mas implica uma questão extremamente importante porque trata de um ponto crucial na mentalidade ocidental que é a existência do “*eu*”. “Para o Europeu, o *eu* é uma entidade *a priori* que transcende todas as circunstâncias: tudo começa por “*eu*”, mesmo se, como diz Pascal, “o *eu* é odioso.” (NAKAGAWA, 2008, p.25). Já para o oriental, essa “*priori*” do sujeito existencial não é um ponto de partida.

Para precisar, Augustin Berque cita uma frase do lingüista japonês Takao Suzuki: “O *eu* dos japoneses encontra-se num estado de indefinição, por assim dizer, por falta de pontos de referência, enquanto um objeto particular ou um parceiro concreto

não aparecer e o locutor não lhe tiver determinado a natureza exata”. Ao privilegiar essa característica, para destacá-la, Augustin Berque lembra que Alexis Rygaloff define o japonês como uma língua “lococêntrica”, o que é aliás, também o caso chinês.” (p.26)

Isso representa uma distância importante do ponto de vista do desenvolvimento da cultura que é intrinsecamente, ou melhor, fundamentalmente ligado à mentalidade.

O autor descreve, de maneira a elucidar essa diferenciação, o comportamento do oriental frente uma situação cotidiana e cita o exemplo da secretaria de uma universidade francesa em que lecionou. Quando necessitava falar com certo sujeito a despeito de uma informação e não o encontrava, não conseguia a informação de outros sujeitos que lá trabalhavam, afinal isso era responsabilidade do que se ausentou. Já no Japão, se um indivíduo se ausenta, algum outro é capaz de cobrir sua ausência pelo tempo necessário, pois o compromisso dos funcionários japoneses é com a eficiência do serviço prestado por toda a secretaria e não com suas responsabilidades individuais. “A secretaria reage portanto como um animal unicelular movido por uma vontade única, enquanto na França a secretaria age como um agregado de vários animais dotados, cada um, de vontade distinta.” (NAKAGAWA, 2008, p.16) A própria disposição da sala é diferente, no caso Francês são várias salas independentes, já no caso japonês é uma única sala com uma porção de funcionários atuando em conjunto.

Um traço cultural forte na cultura japonesa, segundo Nakagawa, é o sentimento de igualdade entre as partes, onde a uniformidade é o imperativo das relações. Inclusive é visto de maneira negativa alguém que se coloca independente do todo, por vezes um destaque individual não é visto com bons olhos pelos outros. Não por inveja de alguém que está se dando melhor, mas pelo fato dessa pessoa estar se dissociando do todo, se distanciando do princípio fundamental que implica numa idéia de harmonia com o meio.

O Aikido, por sua vez, tem seus princípios relacionados diretamente com essas características da mentalidade oriental. É nesse contexto em que as

“práticas corporais alternativas”, tal como o Aikido, apresentam princípios relacionados à harmonia. Mas a questão não gira em torno apenas de valores, a relação com a movimentação e a prática das técnicas é parte primária do caminho. Consideram que a prática que pretende se harmonizar corporalmente com o meio interfere diretamente na capacidade de harmonizar com as diversas situações na vida. Não fazem a distinção entre corpo e mente. Portanto, um corpo capaz de se harmonizar, é também uma mente capaz de se harmonizar, afinal, são grandezas de uma unidade.

As artes marciais quando absorvidas, ou apropriadas pelo ocidente, sofrem uma infinidade de rupturas em função dessa diferença de mentalidade, principalmente no que tange a questão do sujeito existencial. O ocidental, visto de maneira extremamente generalizada, tem por característica essa valorização exacerbada dos indivíduos. Criam modelos de homem perfeito em todos os níveis: comportamento, aparência, condição social, capacidades físicas. De certa forma, é almejado pelo bom cidadão de grande parte dos países no ocidente, uma vida de destaque social.

São inúmeros os desdobramentos dessa busca de destaque e ascensão dentro de uma sociedade. Pode ser considerada uma patologia, na medida em que permeia de maneira determinante, as relações interpessoais, determina as escolhas no trabalho (ou vivemos num mundo extremamente altruísta, ou a medicina é das profissões mais almejadas em função do destaque social que ela possibilita), enfim, permeia a maior parte daquilo que batalhamos na vida, para nos aproximarmos dos modelos que nos foram introjetados. Influenciam, inclusive, nossos desejos. Aquilo que queremos do mais íntimo da nossa existência, da nossa condição de homem. E isso, mais do que qualquer outra coisa, torna essa relação com o caminho da ascensão social, do destaque e desenvolvimento da entidade do “eu”, patológica.

As artes marciais, quando absorvidas por essa sociedade, por esse modelo de homem que segue o caminho da ascensão, sofrem uma série de rupturas na medida em que os “novos praticantes” são incapazes de assumir os

valores que implicam os caminhos oferecidos por cada uma dessas práticas. Nesse novo contexto, foram criadas, por exemplo, a coloração das faixas da branca até a preta. Essa necessidade que o ocidental necessita de perceber uma evolução concreta no processo, tornou essas etapas de ascensão fundamental pra tornar as artes marciais mais atraentes a esse “novo público”. No início, existiam apenas as faixas branca e preta. Representavam simbolicamente a dedicação do praticante, que de tanto que treinou, a faixa que era branca ficou preta. Outra ruptura importante é a esportivização. A necessidade de qualificar os praticantes em melhores ou piores, característica daquele que segue o caminho do destaque social, é determinante para o sucesso que os esportes marciais conquistaram, afinal as capacidades físicas também são parte do modelo de homem perfeito.

No Aikido, o fato de não haver combates, torna essa qualificação mais difícil, sendo o princípio mais enfatizado do que nas outras artes. O que não significa, evidentemente, que todo praticante de Aikido seja desprezado desses valores e dessa necessidade de ascender socialmente. Seus praticantes, já que não são capazes de provar suas diferenciações em combates, o fazem de maneira pouco diferente. Executam técnicas de maneira mais bruta, enfatizam mais a marcialidade da arte e perdem de vista o caminho de sabedoria oferecido, que implica em uma série de questões muito além das capacidades físicas e combativas. Não é incomum sérias divergências entre praticantes de Aikido graduados. Alguns dizem transmitir o “verdadeiro” Aikido do fundador, criando modelos de Aikido certo e Aikido errado. Disputas pelo domínio da marca, dissidências entre federações, enfim, a própria harmonia pregada no conceito da arte não consegue transformar as relações dos praticantes mais graduados.

Voltando para a questão da mentalidade, essa valorização do “eu” não pode ser vista apenas como patologia, ela possibilita o desenvolvimento de potencialidades individuais. A originalidade, assim como é colocado pelo autor Hisayasu Nakagawa, é uma das características suprimida pela mentalidade

oriental “uniformizante”. “[...] esses pesquisadores não conseguiram desenvolver seu talento na sociedade japonesa, cujo igualitarismo uniformizador exclui qualquer originalidade.” (NAKAGAWA, 2008, p.17)

5. Capítulo 4 - Relatos Experienciais

O capítulo 4 é composto por dois relatos de personagens sobre suas vivências no Aikido. Aquilo que seria uma transcrição passa a ser uma espécie de “transcrição”, na medida em que o fictício das personagens nos permite criar. Capturar fragmentos da realidade presentes no intenso e intempestivo das experiências, daquilo que é vivido, é o que nos garante o rigor metodológico cartográfico. Desprender-se da forma é uma etapa importante daquele que se propõe a seguir esse caminho. Se despreocupar com a noção de “pesquisa acadêmica” imposta pelo processo de construção do conhecimento é um dos princípios.

É a consumação do mergulho sobre o novo olhar para a realidade proposto pelos orientais, que se constitui por outros processos que não pela verdade legitimada no rigor científico e filosófico. Essa está impregnada de um olhar desconfiado que busca, antes de mais nada, as credenciais de quem diz. O que para nós, é irrelevante.

O recurso da “transcrição” é uma alternativa do pesquisador que não acredita que seu trabalho deve ser avaliado, ou melhor, autorizado pela “entidade reguladora do comportamento (pensamento) pesquisador”, que pode se manifestar das mais variadas formas, assume as mais variadas facetas e é dotada de uma imprevisibilidade burocrática por demais preocupante. A “transcrição”, portanto, foi o método criado para driblar, ou melhor, se harmonizar com a energia depositada sobre nós em forma de burocracia.

1º relato:

O primeiro personagem da pesquisa é um homem com seus 34 anos, advogado, nascido na cidade de Rio Claro, carrega a bagagem de dez anos de vivência em Aikido e possui a graduação do 2ºDan da faixa preta.

Bem do ponto de vista da sua sensibilidade, daquilo que você sente quando pratica Aikido, daquilo que você percebe, o que sentiu que

mudou na sua vida, suas relações fora do Dojo. Bem isso mesmo, o Aikido na sua essência, onde que ele te pega?

¹No início, bem nas primeiras aulas em que a gente começa a entrar dentro do Dojo, a gente começa a reparar umas coisas diferentes nas pessoas, no jeito de falar, no jeito de se portar. Aqui é uma arte marcial japonesa, então a gente busca todo aquele espírito oriental e o pessoal que tá de fora começa a reparar algumas coisas, que vai desde a limpeza do Dojo, a pessoa chegando, o faixa branca varrendo e você não vê isso em outras artes marciais tá entendendo? E percebe que outras artes marciais também vieram de lá, da parte oriental, mas talvez por tradição não obedeça, mas o Aikido faz isso com a gente. A gente já começa desde o início percebendo esse respeito, essa postura que a gente tem que ter diferente, no modo de agir aqui, dentro. Fora a gente pode até ser um pouquinho diferente no começo, mas dentro a gente começa mudando nosso porte, o convívio com as pessoas aqui. Aquele negócio que sensei traz você pra ele. Convince a treinar, fala algumas coisas interessantes e você acaba entrando no jogo dele vamos imaginar assim e você começa a gostar do que tá fazendo, começa a praticar. E no começo eu era bem empolgado. Cheguei numa época, mesmo porque eu era responsável, puxava o treino, então eu tinha que estar aqui sempre na academia, fazia uma listinha do pessoal que faltava, ia marcando presença. Em um ano eu cheguei a faltar três vezes. Então quer dizer, a gente percebe que a gente tá aqui porque a gente gosta.

²E foi indo, foi indo, a mudança de alunos, a gente vai tentando se organizar. Tentar melhorar alguma coisa aqui dentro, porque o pessoal pára, não pratica? Qual o motivo de cada um? Só que cada um tem uma história, a gente tem que analisar pessoa por pessoa, entender porque será que essa pessoa parou? |Aí vê mais ou menos o que ela sente, pra tentar até a gente melhorar aqui nesse ambiente e tentar trazer ela de volta. Mas assim, o que eu percebo, realmente essa parte principal pra mim é do respeito e da educação que a gente tem aqui dentro e levando isso pra fora. O respeito que a gente tem

pelas pessoas aqui, a gente percebe muito pelo treinamento japonês, o respeito ao mais velho. Eu sempre fico insistindo nessa parte, respeitar os mais velhos, isso é importante. Por mais que você não concorde com o que eles falam, você vai tentar conversar alguma coisa, mas tem respeito por ele. Isso eu percebi que adquiri mais, essa parte de respeito mesmo. Organização também, porque o Aikido também chega a ser uma coisa, não militar, mas você acaba seguindo uma linha, aquele princípio, uma conduta correta vamos dizer assim. Você não vai nunca se desviar, vai adquirindo com o tempo tudo isso aí. Muitas outras coisas também né? Principalmente também, o diferencial que eu sinto o modo de conversar com as pessoas. ³Eu que sou advogado a gente precisa ter na nossa conversa do dia-a-dia, numa consulta ou num litígio entre duas pessoas que aparece, no caso geralmente o pessoal fala de casal, a gente tem que tentar apaziguar. E isso vem do Aikido, a gente vai apaziguar sempre. Vai tentar de toda forma tentar fazer o casal se unir no caso específico de uma relação. E conversando com a pessoa né? O Aikido tem muito esse lado psicológico, se for ver a gente tem que estudar essa parte. Porque cada um vai agir de uma forma. O que você fala, a pessoa pode agir de uma forma, então você vai tentar... é como a gente fala no Aikido, você vai tentar conduzir essa pessoa pra nós, é como se ela entrasse dentro de nós e a gente revertisse toda essa coisa ruim, essa discordância entre os dois e tentar inverter. Criar a inversão das energias, que a gente fala, o círculo né? Então é nesse sentido. Eu percebo principalmente o respeito mesmo com as pessoas e até meu modo de conversar com elas, tentar apaziguar. |

É legal essa possibilidade de associar o movimento das técnicas, com essa coisa do circular, do redondo, com as relações que a gente estabelece fora do Dojo, porque também tem esse princípio. Às vezes a gente é ofendido, mas se a gente sabe contornar aquela situação a gente consegue... e isso é bem sensível, a gente sente isso no corpo, a gente percebe...

A gente pratica Aikido e a gente leva todo esse lado da harmonia com as pessoas. E eu levo isso aí também, no caso como eu adoro jogar futebol, que a gente joga todo domingo e eu levo isso pra dentro do campo. E eu percebo as pessoas, é discussão a toa, discussão por causa de um lateral, por causa de uma falta que talvez nem tenha sido. E eles brigam, brigam, brigam, brigam. E às vezes eu viro pra pessoa e “ – você vai brigar por isso? É pouco!”. E a pessoa às vezes fica sem entender. A gente leva pra outros esportes. Então tem essa parte da harmonia. A gente tenta apaziguar até o pessoal de lá. Que eles não vão entender porque eles não praticam isso. Eles não vão entender essa parte do Aikido. Mas principalmente realmente é o respeito e essa parte de principalmente que eu gosto de conversar, a gente gosta de trocar idéia com as pessoas. Parece que a gente é psicólogo, gosta de conversa. Então isso eu prezo muito. Graças a Deus eu tenho um pouquinho disso e a gente tem muito o que aprender, vai aprender muito mais ainda. E a gente ainda é novo, mas a gente já tem uma experiência nisso. Principalmente meu lado que é a parte da advocacia que tem muita de confusão e briga, então a gente tem que tá sempre tranqüilo, agindo sempre na razão, nunca... e mantendo sempre o controle. ⁴É a famosa história da respiração, você vai ter que se sentir tranqüilo, se sentir equilibrado, pra não cair do outro lado, porque não é o interesse nosso aqui.

Que que acontece muitas vezes também? ⁵A gente... principalmente essa harmonia do Aikido, dificilmente a gente vê em outras artes marciais, não em todas. Eu agora to praticando Jiu-Jitsu, faz três meses que eu to praticando. E realmente a gente percebe que, como são artes marciais de competição, infelizmente a gente quer ganhar. A gente quer se sentir mais forte, quer finalizar a pessoa. O Aikido já não. A pessoa sempre tá disposta a te ajudar. Não adianta, você vai fazer uma técnica errada, ele vai te corrigir: - Olha, não faz assim, faz um pouquinho diferente, você vai se sentir melhor, seu corpo vai se sentir melhor no contato com o solo, você vai se machucar menos. Agora as outras artes marciais, no caso o Jiu-Jitsu que eu to fazendo, tenho pouca experiência, nem posso falar muito, porque se eu fosse um pouco mais

graduado podia distinguir melhor isso daí. Mas assim, do que eu percebo as lesões ocorrem muito mais no caso do Jiu-Jitsu do que no Aikido. No Aikido pode acontecer, o que eu vejo, que aconteceu mais... não aqui em Rio Claro, graças a Deus, porque eu tomo muito cuidado com isso. Sempre falo assim: na dúvida não faça a técnica, não precisa fazer forte. Não precisa provar nada. O importante é você saber caminhar, voltar, mostrar pra pessoa que você vai lançar naquela posição, naquela forma, naquela distância. Não precisa forçar nada, você vai ter que repetir isso aí vinte, trinta vezes. Então se adapte com a técnica, com a sua queda. Então as vezes acontecem muitas lesões no Aikido realmente no Ukemi, nas quedas. Mas no Jiu-Jitsu e nas outras artes marciais que têm competição, você quer ganhar, você quer forçar e é onde você se contunde, você vai se machucar. Tem esse diferencial aí também.

Análise do discurso da personagem:

1 - No início, bem nas primeiras aulas em que a gente começa a entrar dentro do Dojo, a gente começa a reparar umas coisas diferentes nas pessoas, no jeito de falar, no jeito de se portar. Aqui é uma arte marcial japonesa, então a gente busca todo aquele espírito oriental e o pessoal que tá de fora começa a reparar algumas coisas, que vai desde a limpeza do Dojo, a pessoa chegando, o faixa branca varrendo.”

A primeira percepção que se tem ao entrar no Dojo, é de um local carregado de rituais, comportamentos e posturas completamente diferente daquilo que é habitual. Palavras em japonês são pronunciadas, cumprimentos diversos durante o treino com inclinação do tronco à frente, além da evidente relação hierárquica, que é acentuada na presença do sensei. Esse é o primeiro indício de que as coisas dentro desse novo ambiente vão funcionar de uma maneira bastante diferente, o que exclui de imediato certa parcela da população. Mas por outro lado, coloca o praticante que se mantém numa condição de receptividade e abertura muito grande na medida em que se trata de um terreno

totalmente desconhecido. Ele continua a freqüentar porque se vê disposto a se surpreender, está aberto ao inusitado.

2 – “E foi indo, foi indo, a mudança de alunos, a gente vai tentando se organizar. Tentar melhorar alguma coisa aqui dentro, porque o pessoal pára, não pratica? Qual o motivo de cada um? Só que cada um tem uma história, a gente tem que analisar pessoa por pessoa, entender porque será que essa pessoa parou?”

Uma dificuldade comum em grupos de Aikido é formar um grupo grande e assíduo de praticantes. O praticante de arte marcial, muitas vezes é motivado a procurar uma academia de lutas para se tornar um sujeito mais eficiente num combate corpo a corpo. No caso dos lugares em que treinei e ainda treino, o Aikido oferece poucas garantias para o praticante no sentido das potencialidades combativas. O direcionamento da atenção durante o treino recai principalmente para as nuances das técnicas, o que inclui a fluidez, postura, respiração, relaxamento, dentre tantas outras coisas que não a eficiência, além de longos treinos com exercícios de percepção corporal e meditação. Alguns outros Dojos, com mais sucesso de público, em geral voltam suas práticas para o treinamento da técnica marcial, não menos importante, nem menos valorosas do que o treino introspectivo. São possibilidades e caminhos diversos que o Aikido permite, desde que não se perca de vista seus conceitos ou princípios que caracterizam a arte como descrito anteriormente.

3 – “Eu que sou advogado a gente precisa ter na nossa conversa do dia-a-dia, numa consulta ou num litígio entre duas pessoas que aparece, no caso geralmente o pessoal fala de casal, a gente tem que tentar apaziguar. E isso vem do Aikido, a gente vai apaziguar sempre. Vai tentar de toda forma tentar fazer o casal se unir no caso específico de uma relação. E conversando com a pessoa né? O Aikido tem muito esse lado psicológico, se for ver a gente tem que estudar essa parte. Porque cada um vai agir de uma forma. O que você fala, a pessoa pode agir de uma forma, então você vai tentar... é como a gente fala no Aikido, você vai tentar conduzir essa pessoa pra nós, é como se ela

entrasse dentro de nós e a gente revertesse toda essa coisa ruim, essa discordância entre os dois e tentar inverter. Criar a inversão das energias, que a gente fala, o círculo né? Então é nesse sentido. Eu percebo principalmente o respeito mesmo com as pessoas e até meu modo de conversar com elas, tentar apaziguar.”

Essa questão é primordial para o praticante de Aikido. Não se trata de vestir a camisa branca da paz e defender uma idéia numa passeata anualmente. O compromisso com pacificar aparece espontaneamente com aquele que treina seu corpo para a harmonia. É uma idéia um tanto utópica e talvez desprovida de sentido objetivo. Mas a descrença sobre as potencialidades das práticas corporais e sua íntima relação com os processos mentais, emocionais e espirituais, ampliam a dificuldade de legitimação de uma afirmação como essa.

Porém, a maneira com que o relator descreve a questão do pacificar gira em torno do conceito por trás da técnica do Aikido. O movimento circular de absorção da energia depositada em forma de ataque e as possibilidades de redirecionamento. Enxergar esse conceito no desenvolvimento das técnicas é relativamente simples no contato corpo a corpo. Em contra partida, é difícil perceber que essa energia depositada não necessariamente precisa vir em forma de ataque corporal, mas verbal por exemplo, e as possibilidades de redirecionamento são inúmeras. A capacidade de harmonizar, nesse caso, extrapolou os limites do Dojo e da técnica corporal. Essa amplitude é flagrada pelo praticante nos mais variados contextos e torna a relação com o treino enriquecida. O fundador da arte, ao se referir a sua criação, invariavelmente a colocava como arte da paz, da busca do equilíbrio com tudo aquilo que é vida no universo. O que não deixa dúvidas quanto à crença de Ueshiba nas práticas corporais, como possibilidade de transformação de outras categorias humanas que não apenas suas potencialidades físicas e combativas.

4 – “É a famosa história da respiração, você vai ter que se sentir tranqüilo, se sentir equilibrado, pra não cair do outro lado, porque não é o interesse nosso aqui.”

Essa oração do depoimento ilustra mais uma associação entre um componente da fisiologia humana que é a respiração e uma condição mental descrita por “se sentir equilibrado”, ou seja, manter a calma, estar apto a lidar com as situações. A capacidade de harmonizar com as diversas situações, corporais ou não, implicam em, além de tantas outras coisas, respirar de maneira adequada.

5 – “A gente... principalmente essa harmonia do Aikido, dificilmente a gente vê em outras artes marciais, não em todas. Eu agora to praticando Jiu-Jitsu, faz três meses que eu to praticando. E realmente a gente percebe que, como são artes marciais de competição, infelizmente a gente quer ganhar. A gente quer se sentir mais forte, quer finalizar a pessoa. O Aikido já não. A pessoa sempre tá disposta a te ajudar. Não adianta, você vai fazer uma técnica errada, ele vai te corrigir: - Olha, não faz assim, faz um pouquinho diferente, você vai se sentir melhor, seu corpo vai se sentir melhor no contato com o solo, você vai se machucar menos.”

Essa parte do depoimento requer uma atenção especial porque toca num assunto um tanto delicado. É freqüente, praticantes de artes marciais diversas compararem sua prática. Quem é melhor que quem, quem é mais forte que quem, quem bateria em quem, enfim, é exaustivo ter que lidar com esse tipo de questão que só reafirmam o empobrecimento que essas práticas atingiram na nossa cultura. O fato é que o Jiu-Jitsu é uma arte marcial de origem japonesa, mas que foi transformada no Brasil e difundida pela família Gracie no ocidente.

O que se treina são técnicas marciais com alto potencial combativo. Esse modelo de treino dá margem à cultura de competição, característica do ocidente. Sua população é sedenta, como ressaltado anteriormente na discussão do livro de Hisayasu Nakagawa, de ascensão social, através das capacidades corporais inclusive. A necessidade de vencer, de estar em evidência é uma somatória complicada com uma arte marcial com tanto potencial para o combate. Não é incomum seus praticantes extrapolarem os

limites Dojo, mas não para disseminar princípios de harmonia e sim conflitos corporais desregrados e fora de contexto.

É importante ressaltar que essa não é uma característica do Jiu-Jitsu e não está em questão desvalorizar uma arte marcial tão importante no cenário mundial hoje em dia. O que se discute é o caminho percorrido por uma parcela significativa de praticantes, porque de fato se envolvem numa prática que oferece inúmeras garantias no sentido das potencialidades corporais. Muitas vezes a eficiência adquirida no treinamento alimenta a agressividade dos indivíduos.

2º relato

O segundo personagem da pesquisa é um homem com 21 anos de idade, estudante, nascido em Campinas, vivencia o Aikido desde os 11 anos, somando 10 anos de prática e possui a graduação do 1ºDan da faixa preta.

O Aikido pra você, como você percebe a prática de Aikido?

Desde criança eu sempre quis fazer uma luta. ¹|Acho que toda criança quer fazer alguma luta. O Aikido no começo me atraiu pela plástica dele. Que é uma luta muito... você vê a pessoa caindo, me impressionou.| Aí eu fui treinando, fui treinando, fiz grandes amigos lá, até hoje. Falo que o pessoal do Aikido é minha segunda família e acho que tudo que tem lá no Aikido me prende. Tanto a arte marcial, tanto as pessoas que construí lá, as famílias, todas as minhas conquistas. Por exemplo, a faixa preta pra mim foi uma das conquistas mais importantes da minha vida.

A filosofia, o jeito que o O sensei criou a arte, ²|muita coisa da sua vida dá pra você usar o Aikido. Não espiritualmente ou de energia, falando nem tanto da arte enquanto defesa pessoal, mas o jeito de você encarar a vida, esquivar do seus problemas, de você ver a coisa de um outro ângulo. Sua percepção.| |Porque no Aikido a gente faz os movimentos combinados. Então pro seu treino render você tem que cuidar do seu companheiro, seu parceiro de treino. E isso é uma coisa que eu acho bastante importante. Não só no Aikido como na vida. Eu acho importante ter essa harmonia que a arte prega.| E fora isso a parte física

que me deixa bastante satisfeito, bastante cansado dos treinos, parte técnica que eu acho incrível, que eu realmente acredito que funcione como arte marcial, defesa pessoal mesmo. A combinação dessas coisas.

Essa capacidade que o Aikido tem de você conseguir transpor aquilo que é técnico, aquilo que seria essa coisa do movimento circular, das técnicas, enfim. Essa coisa de você conseguir transpor isso e extrapolar os limites do Dojo. Esse é um dos grandes focos do meu trabalho inclusive. Essa coisa de você conseguir perceber onde que essa relação do Uke/Nague pode se aplicar em outras relações que é isso que você tá falando desse princípio de harmonização. Se você pudesse falar mais sobre isso, pra mim é o que eu... não sei onde que você identificou isso, porque no seu caso ainda é interessante, porque você começou com 11 anos, então participa da sua formação né? Enquanto você tá se desenvolvendo dentro, introjetado numa prática corporal que tem esses princípios muito bem evidenciados. Se você pudesse me dizer onde que você acha que isso te conduziu, o que isso transformou pra você, enfim.

Acho que foi a vivência prática. Desde quando comecei até hoje sempre procurei ir em seminários, conhecer gente nova, treinar com várias pessoas. Porque o tatame é uma miniatura da vida. Você encontra todo tipo de pessoa. Que nem você encontra um mais esquentado no seu dia-a-dia, você encontra um mais esquentado no tatame. Encontra alguém que quer passar por cima de você, você encontra no tatame. No tatame tem de tudo. E essa que a dificuldade na relação entre Uke e Nague, porque como você tá treinando com uma pessoa que é muito diferente de você, você não pode quebrar o braço da pessoa, dar um atemi que vá... acho que você tem que engolir o seu orgulho e se preocupar com a técnica, com o treino mesmo. É uma coisa que se aplica na vida real. ⁴Muitas vezes você tem que desprezar seu orgulho, sua vontade de conflitar, de bater de frente com a pessoa pra resolver o problema de outra maneira. Sem ter que ter esse conflito, de eu contra você, eu estou certo, você está errado. Ele pode achar certo querer me testar, mas o jeito que eu vou

mostrar pra ele, eu posso mostrar pra ele que o jeito que ele está me testando não é uma boa maneira, sem precisar quebrar o braço dele. Sem precisar falar nada, só usando a técnica. E é isso que na vida fora do tatame, que eu digo, você pode tomar como base no Aikido. Nem sempre você precisa conflitar com a pessoa. Nem sempre você precisa causar algum dano na pessoa pra provar que ela tá errada, mesmo ela achando que está certa. Às vezes você precisa tomar outro caminho, outra visão, ver as coisas por outro ângulo. E esse assim, acho que é uma das idéias do Aikido, pra fora do tatame, tirando técnica, tirando outras coisas, acho que é isso.

Porque o Aikido, tanto as técnicas do Aikido, você é praticante, você sabe, a gente evita ao máximo o conflito. Assim, tem a tensão do ataque e da defesa. Se você atacar sem uma intenção, não tem com o que eu trabalhar, ⁵eu preciso da sua intenção pra trabalhar. E a maneira como você trabalha essa tensão da força, do ataque do seu Uke, que você tem que conduzir ele através de movimentos circulares, nunca usando sua força pra puxar, assim, claro que força você acaba usando, mas fazendo o mínimo esforço possível pra você conseguir. E assim, o jeito que a gente cuida do Uke, o atacante, muitas técnicas podem acabar com uma fratura, um estrangulamento e até mesmo com o atemi e esse negócio de trabalhar e se desenvolver pra você preservar o seu Uke e pra você melhorar seu treino, daí esse que é que o máximo de conexão com o seu comportamento fora do tatame. Porque tanto isso de preservar a pessoa, como conseguir conduzir o conflito sem você atacar uma pessoa, acho que essa que é a verdadeira harmonia assim, do Aikido, que o O sensei sempre falava “se você tá pensando em atacar, você já perdeu sua batalha”, ou seja, saiu da harmonia. ³Então eu acho que a parte principal do Aikido é essa harmonia mesmo. Que você desenvolve no tatame e você tenta passar pro seu cotidiano, pra sua vida. Você encara os problemas de outra forma, sempre tentando preservar a outra pessoa. Porque tanto no Aikido, quanto na vida real você precisa da outra pessoa pra se desenvolver. Então se você acaba não preservando muito isso você acaba se prejudicando. Tanto que meu professor

mesmo diz que “se você se envolver numa briga, você matar a pessoa, mas se a pessoa te deu um soco no nariz, as duas pessoas saíram perdendo, não teve ganho nenhum.” Beleza, a pessoa tomou mais prejuízo que você, mas você também tomou um prejuízo sabe? Você tá com o nariz quebrado. E podia não ocorrer esse conflito. Seu nariz podia estar inteiro e a pessoa podia continuar viva. Tem um ganho pros dois lados. Esse negócio de briga eu falei só de analogia, claro que você pode transpor isso pra outras situações. ⁶Tanto quanto ofensa assim, se uma pessoa, torna uma discussão, você ofende essa pessoa e essa pessoa se ofende, ninguém saiu ganhando nada com essa ofensa sabe? Essa discussão podia ter sido conduzida de uma maneira que os dois saíssem ganhando. Isso que o Aikido também representa. Resolver os conflitos onde nenhum dos dois percam, os dois vão sair ganhando. | Pelo O Sensei, como eu acabei de falar, que se a pessoa começou atacando, ela que começa em desvantagem, tanto que no Aikido a gente só trabalha com contra-ataque.

Análise do discurso da personagem:

1 - “Acho que toda criança quer fazer alguma luta. O Aikido no começo me atraiu pela plástica dele. Que é uma luta muito... você vê a pessoa caindo, me impressionou.”

Esse depoimento é interessante, pois ilustra como as artes marciais estão presentes no imaginário infantil. Ela está em evidência em uma série de desenhos animados, quadrinhos e outros veículos midiáticos que têm o público infantil como alvo. Frequentemente é visto nos programas televisivos, personagens protagonistas, praticantes de artes marciais.

Nesses programas, há a formatação de um modelo de homem, assim como discutido no capítulo anterior. São esses veículos que estimulam a procura pelas artes marciais, ao mesmo tempo que alimentam uma expectativa de formação de indivíduos indestrutíveis, intocáveis, enfim, todos os atributos desse modelo heróico.

Além disso, as artes marciais têm toda uma plasticidade, uma estética, que atraem. É um componente de cunho circense que ocupa também o imaginário. As movimentações desafiadoras que exigem certa condição física, assim como o ganho de força e a melhora em outras capacidades físicas também atraem parcela importante dos praticantes.

2 – “...muita coisa da sua vida dá pra você usar o Aikido. Não espiritualmente ou de energia, falando nem tanto da arte enquanto defesa pessoal, mas o jeito de você encarar a vida, esquivar do seus problemas, de você ver a coisa de um outro ângulo. Sua percepção.”

O praticante de Aikido é sensível em perceber que as coisas podem ser vistas por outro ângulo. Não que essa seja uma premissa ideológica da prática. Mas é que a prática suscita esse olhar o tempo todo, no desenrolar das técnicas, na relação entre as pessoas, na relação entre Uke e Nague etc.

3 – “Porque no Aikido a gente faz os movimentos combinados. Então pro seu treino render você tem que cuidar do seu companheiro, seu parceiro de treino. E isso é uma coisa que eu acho bastante importante. Não só no Aikido como na vida. Eu acho importante ter essa harmonia que a arte prega.”

“Então eu acho que a parte principal do Aikido é essa harmonia mesmo. Que você desenvolve no tatame e você tenta passar pro seu cotidiano, pra sua vida. Você encara os problemas de outra forma, sempre tentando preservar a outra pessoa. Porque tanto no Aikido, quanto na vida real você precisa da outra pessoa pra se desenvolver.”

Mais um relato sobre a harmonia intrínseca à arte. E acrescenta ainda a possibilidade de extrapolar essas relações para fora do espaço de treino, para fora do Dojo. Essa possibilidade deve ser observada por todos os praticantes, uma vez que é nessa amplitude que o Aikido se coloca como uma prática para toda a vida.

O cuidado na relação entre os parceiros de treino é outro ponto fundamental para a compreensão. As técnicas não têm por finalidade gerar desconforto em quem as recebe. O cuidado com os limites de cada um dos

praticantes é essencial para o bom andamento do treino. Mesmo que haja a possibilidade de treinar de maneira vigorosa, isso tem que estar de acordo com as capacidades do grupo.

4 – “Muitas vezes você tem que desprezar seu orgulho, sua vontade de conflitar, de bater de frente com a pessoa pra resolver o problema de outra maneira. Sem ter que ter esse conflito, de eu contra você, eu estou certo, você está errado.”

O relato a respeito do orgulho, toca numa questão importante que foi abordada no capítulo anterior, que se refere ao sujeito existencial. Afinal, o que é o orgulho se não o mecanismo de proteção e garantia da entidade do “eu”. O conflitar, o “bater de frente”, é alimentado pela vontade de subjugar o outro, de se mostrar mais forte, de se colocar de alguma forma à frente de alguém, que é o mesmo desejo da evidência e do destaque do sujeito.

Esse desprendimento é necessário para que haja real compatibilidade com o caminho oferecido pelo Aikido, talvez esse seja o grande desafio colocado aos praticantes, que se percebem em inúmeras situações na mesma freqüência daquele que precisa vencer. É um valor cultural, todos temos esse tipo de manifestação no mais íntimo do nosso ser e essa desconstrução não é fácil mesmo para os mais afortunados no sentido da auto-crítica e da percepção de si mesmo.

5 – “eu preciso da sua intenção pra trabalhar. E a maneira como você trabalha essa tensão da força, do ataque do seu Uke, que você tem que conduzir ele através de movimentos circulares, nunca usando sua força pra puxar, assim, claro que força você acaba usando, mas fazendo o mínimo esforço possível pra você conseguir.”

Apesar do Aikido se desenvolver basicamente em técnicas combinadas, não significa que não há intenção nos ataques. Para que a técnica possa fluir, é necessário que o Uke seja honesto na direção e sentido do ataque desferido. Se a energia não for real, não há o que ser conduzido.

6 – “Tanto quanto ofensa assim, se uma pessoa, torna uma discussão, você ofende essa pessoa e essa pessoa se ofende, ninguém saiu ganhando nada com essa ofensa sabe? Essa discussão podia ter sido conduzida de uma maneira que os dois saíssem ganhando. Isso que o Aikido também representa. Resolver os conflitos onde nenhum dos dois percam, os dois vão sair ganhando.”

Esse depoimento ilustra de maneira concisa a aplicabilidade dos princípios do Aikido em situações do cotidiano. Sofremos ofensas em uma série de situações, vivemos discórdias o tempo todo e por vezes elas se encaminham para as agressões verbais. As agressões só fazem sentido porque damos sentido a elas. Gosto de pensar que uma agressão se fosse dita em grego, seria só mais uma coisa engraçada de se ouvir, mas como é dita numa língua em que compreendo o sentido, isso a torna impactante. Então, há um componente que é de nossa responsabilidade, que é a maneira com a qual recebemos ou absorvemos as agressões que nos são desferidas. Da mesma forma que uma agressão em grego não é impactante, uma agressão em português pode não ser também, se não atribuímos significado a elas.

Essa é uma das reflexões que a vivência no Aikido despertou que considero importante. Porque a própria movimentação discute esse aspecto, na medida em que questiona a forma com que se absorve um ataque. Um ataque não pode ser visto como uma agressão, este passa a ser visto apenas como uma energia com direção e sentido que deve ser conduzida para outra situação. A transposição para a vida cotidiana, nas ofensas verbais, é um passo relativamente óbvio para o praticante.

6. Considerações Finais

O primeiro capítulo conta um pouco da minha trajetória no Aikido, minha vivência e rotina de treino. Conta também com uma descrição do processo vivido por praticantes, no sentido da adaptação das posturas e movimentações, além das quedas e técnicas propriamente ditas. Essa descrição é fundamentada não só na minha experiência, mas na observação de outros praticantes que vivenciaram fases de adaptação.

O capítulo seguinte conta um pouco da história do Aikido e seu fundador. Morihei Ueshiba teve uma trajetória determinada do ponto de vista da sua evolução, tanto espiritual na dedicação com as meditações e cultivo da terra, quanto no desenvolvimento das técnicas marciais, que incluem técnicas corpo-a-corpo, com espadas e lanças. É nesse percurso de vida, que o Aikido pôde rumar para um caminho carregado de potenciais em tantos aspectos da existência do homem. Fazer de uma arte marcial um caminho para evoluir em tantas direções, que compreende o corpo com a devida profundidade, não poderia vir de alguém com uma trajetória menos inspiradora.

O terceiro capítulo é o que suscita a discussão mais delicada e importante para o meio (acadêmico) que o trabalho visa impactar. É um capítulo em que algumas discussões de cunho epistemológico são levantadas e permitem uma série de reflexões quanto ao caminho percorrido pelo conhecimento na sociedade ocidental. Permite identificarmos outro olhar possível para a realidade que não o habitual desenvolvido no meio acadêmico. Este já se mostra incapaz de descrever todas as relações entre as forças que agem no universo e que permeiam nossa existência.

O último capítulo conta com o relato de dois personagens, praticantes de Aikido, seguidos de uma análise que amplia a discussão, além de ilustrar o pensamento de praticantes sobre a arte. É possível identificar com facilidade que o Aikido realmente se coloca para a vida de quem o pratica como um

referencial para diversas situações. Influencia e transforma as relações entre as pessoas e nesse sentido é que se legitima enquanto caminho.

Algumas questões pertinentes puderam ser extraídas dos relatos, como a que evidencia a presença das artes marciais no imaginário infantil e o poder delas de atrair adeptos, principalmente as que oferecem maior garantia do ponto de vista do combate. O entendimento de que elas atendem uma demanda do homem ocidental que vislumbra o destaque perante o grupo, a ascensão social através do aprimoramento das capacidades físicas e o quanto essa condição da mentalidade no ocidente influencia no desenvolvimento dessas práticas nessas sociedades.

A compreensão dessas ponderações é fundamental para uma análise aprofundada, não só das artes marciais como também de outras atividades corporais que migraram para cá e têm origem numa outra concepção de homem, que estabelecem outra relação com o espaço e portanto não são passíveis de enquadramento na nossa linguagem ou forma de compreensão habituais.

Entender que esse choque, existente no contato entre as culturas oriental e ocidental é dos mais ricos encontros que podemos vivenciar. É nesse meio, no “entre”, que está colocada a possibilidade de ampliação do olhar sobre o mundo. Porque não é o caso de privilegiar um em detrimento do outro, mas sim perceber onde está a importância de cada olhar para a formação dos indivíduos, como pensamos a partir dessa nova possibilidade um ideal de homem para o futuro?

É importante frisar que o trabalho não pretende desconsiderar a importância do conhecimento filosófico e científico que tanto transformaram nossa sociedade e geraram incalculáveis avanços em diversos níveis. Mas propor, se é que o trabalho se sustenta a ponto de propor alguma coisa, uma abertura maior para outras possibilidades de contemplar a vida, não apenas enquanto conhecimento, mas também enquanto potencialidade de corpo e espírito. Porque são instâncias que estão mais do que presentes no dia-a-dia de

cada um de nós e chega a ser uma chacina existencial desprezar esses aspectos da vida. Pensar que talvez, nossa educação irredutivelmente ligada ao conhecimento científico e filosófico, poderia se abrir um pouco mais para as outras possibilidades de evolução. Se essas premissas estiverem suficientemente claras a ponto de gerar uma simples reflexão naquele que dedicou algum tempo do seu dia para a leitura do trabalho, os objetivos foram atingidos e a satisfação em tê-lo desenvolvido se intensifica.

7. Referências

BULL, W. Aikido **O Caminho da Sabedoria - A Técnica**. Editora Pensamento, 2004.

BULL, W. Aikido **O Caminho da Sabedoria - A Teoria**. Editora Pensamento, 2004.

BULL, W. Aikido **O Caminho da Sabedoria - Dobun, História e Cultura**. Editora Pensamento, 2004.

BULL, W. **Aikido-Manual Técnico** - Editora Pensamento, 2000.

BULL, W. **Takemussu Aiki**- Editora Pensamento, 2007.

COHN, Ernesto Wagner Hamada. **Aikido: Técnica e Filosofia**. Editora: Escrituras

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura. Corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34: 1992.

FOUCAULT, Michel. "O que são as luzes". In: **FOUCAULT, Michel. Arqueologia da Ciência e História dos Sistemas de Pensamento**. Págs.: 335 – 351. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

GIL, José. **Metamorfoses do corpo**. Lisboa: Relógio D'Água, 1980.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

JULIEN, François. «A arte do desvio». In MORIN, Edgar e PRIGOGINE, Ilya. A sociedade em busca de valores : para fugir a alternativa entre o ceticismo e o dogmatismo. Lisboa : Instituto Piaget, s.d.

JULIEN, François. **Um sábio não tem idéia**. São Paulo : Martins Fontes, 2000.

JULIEN, François. **O diálogo entre as culturas. Do universal ao multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

KASTRUP, V. (2004) A aprendizagem da atenção na cognição inventiva. *Psicologia & Sociedade*, v.16, n.3, pp.7-16.

KASTRUP, V. (2005) Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre. *Educação e Sociedade* v. 26, n. 93, set./dez, pp.1273-1288.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LECHNER, N. **Los patios interiores de la democracia: subjetividad y política**. Chile: Fondo de Cultura Económica, 1990.

LEWKOWICZ, I. CANTARALLI, M. Grupo Doce. **Del fragmento a la situación**. Buenos Aires: Altamira, 2003.

MOON, Richard. **Aikido em Três Lições Simples**. Editora Pensamento-Cultrix, 2006.

MORIN, Edgar. **Para onde vai o mundo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

NEGRI, Toni. **Exílio, seguido de valor e afeto**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

PASSOS, Eduardo. KASTRUP, V. e ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa- intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PELBART, Peter. **A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea**. São Paulo: Iluminuras, 2000.

RATTI, Oscar - Westbrook, Adele. **Aikido e a Esfera Dinâmica**. Madras Editora, 2006.

ROLNIK, Suely, “Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico.” In *Cadernos de Subjetividade*. S. Paulo. V. 1 n. 2, set./fev.1993. Págs.: 241 – 251.

ROLNIK, Suely,. “À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia”. In MAGALHÃES, Maria Cristina Rios (Org.). **Na sombra da cidade**. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

SAKANASHI, Masafumi. **Aikido: O Desafio do Conflito**. Editora: Pensamento

SUNADOMARIS, Kanshu. **A Iluminação através do Aikido**. Editora Pensamento

Ueshiba, Kisshomaru. **A arte do Aikido**. Editora Pensamento-Cultrix, 2006.

UESHIBA, Moriteru e UESHIBA, Kisshomaru. **O Melhor do Aikido**. Editora: Cultrix.

UESHIBA, Moriteru. **Curso para Mestre de Aikido**. Editora: Pensamento

NAKAGAWA, Hisayasu. **Introdução à Cultura Japonesa. Ensaio de Antropologia Recíproca**. Editora: Martins Fontes

SAOTOME, Mitsugi. **Aikido e a Harmonia da Natureza**. Editora: Pensamento

Rafael Iri Martins Prado
Aluno

Prof. Dr. Romualdo Dias
Orientador